



## Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19

### Disinformation, Negationism and Self-medication: a population's relationship with “miracle” drugs during a COVID-19 pandemic

Ádria Silva Guimarães<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-9220-4291>

Wellington Roberto Gomes de Carvalho<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0003-4185-526X>

Em dezembro de 2019 foi constatado em Wuhan, China o início de um surto de pneumonia de causa não conhecida. Logo foi identificada a etiologia da doença, um novo coronavírus nomeado de Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2). Em 17 de fevereiro de 2020, o vírus já havia sido detectado em mais de 27 países, com o número de casos registrados superior a setenta mil [1]. Assim, no dia 11 março de 2020, o Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19, como é chamada a doença, uma pandemia [2].

A situação provoca, desde então, preocupantes impactos sociais, econômicos e graves consequências para o sistema de saúde global. A principal questão é o fato de o agente etiológico e o comportamento deste no organismo humano serem muito pouco conhecidos e, assim, não há ainda uma vacina ou fármacos comprovadamente eficazes [3]. Algumas das formas profiláticas até então eficientes são: uso de máscaras, higienização frequente das mãos, distanciamento social, dentre outros [4]

Diante desse cenário, a questão ao redor da COVID-19 tornou-se politizada, uma vez que alguns líderes mundiais

se negaram ou contrariaram a adoção do isolamento como método preventivo e outros, na tentativa e desejo de encontrar uma solução rápida, barata e já existente, defenderam o uso de certas drogas para o manejo da doença [5]. Além disso, observou-se a propagação de comportamentos negacionistas contra a ciência e de atos de desinformação, como o compartilhamento de notícias falsas nas redes sociais e que iam de encontro às recomendações feitas pela OMS [6].

Assim, a comunidade científica observou que os desafios, além de grandes, iriam além de encontrar um tratamento e elaborar a vacina. A desinformação, o negacionismo à ciência e, como consequência, o uso irracional de alguns medicamentos e o não cumprimento do isolamento social, mesmo quando possível, também são dificuldades frequentes que retardam o combate ao novo coronavírus [7].

A internet, no contexto a pandemia, se mostrou importante fonte de informação e canal de comunicação para que as atualizações a respeito da COVID-19 chegassem ao cidadão leigo. No entanto, ainda que o acesso às notícias tenha sido democratizado pelas plataformas online, o acesso

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: adriaguimaraess@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Curso de Saúde Coletiva, Uberlândia, MG, Brasil. Correspondência para: WRG Carvalho. E-mail: wrgcarvalho@ufu.br

Como citar este artigo / How to cite this article

Guimarães AS, Carvalho WRG. Desinformação, negacionismo e automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. InterAm J Med Health 2020;3:e202003053.



a estas ainda não é totalmente igual, pois há diferentes condições de acesso às ferramentas virtuais. Somado ao fato das informações serem processadas na era da “pós-verdade”, o que se tem é a assimetria de informações [8]. Ao considerar que a carga de novas informações é grande e que há diferenças na capacidade como cada cidadão interpreta e dissemina as notícias e que, por ter ocorrido a politização e securitização da conjuntura, ocorre a propagação de matérias falsas ou manipuladas, as quais influenciam negativamente o comportamento e as ações dos indivíduos. Há maiores probabilidades das pessoas acreditarem em informações falsas se estas estiverem alinhadas com ideologias políticas, o que torna o momento vivido ainda mais sensível [9]. De acordo com Santos [10], a forma como a sociedade contemporânea compreende os riscos que enfrenta é condicionada pelo tempo político e midiático.

Dessa forma, as teorias da conspiração sobre a origem do vírus, sobre o tratamento da doença e a legitimidade do distanciamento físico começam a ganhar força. Além disso, ocorre a minimização da gravidade da situação. Notícias falsas e manipuladas foram intensamente compartilhadas nas redes sociais, como exemplo de publicações que afirmavam que banhos quentes, gargarejos com água morna e bebidas alcóolicas seriam eficazes no combate à doença [3]. Como consequência do compartilhamento de publicações com conteúdo pseudocientífico, constatou-se que, em março, iranianos morreram ou adoeceram ao consumirem metanol após divulgação de falsos relatos sobre a capacidade da substância de deter o patógeno [11].

Esse fenômeno de produção, compartilhamento de notícias falsas e desinformação, chamado de “infodemia”, afeta, principalmente, os cidadãos desprovidos de senso crítico e de alfabetização digital e que, assim, costumam colocar em prática o que leem na internet [3]. A velocidade com que as notícias e a grande quantidade de matérias que chegam aos indivíduos agravam mais ainda esse cenário [12].

A situação se torna ainda mais delicada quando trata-se de fármacos que permeiam a questão do tratamento e da profilaxia à doença. Algumas drogas tornaram-se alvos de discussões e manchetes na mídia, principalmente a Hidroxicloquina, Cloroquina, Ivermectina e a Azitromicina. A Hidroxicloquina e a Cloroquina são utilizadas como antimaláricos, como tratamento para doenças reumáticas e para o lúpus, mas começaram a ser usadas - em associação com a Azitromicina - para tratar e prevenir contra a COVID-19. Isso porque alguns estudos

demonstraram a capacidade desses medicamentos de conter a capacidade infecciosa do vírus. No entanto, essas pesquisas apresentaram erros (como a falta de randomização, imprecisão e evidências apenas indiretas) e foram questionadas por muitos especialistas, além de algumas terem sido feitas apenas *in vitro*, sem estudos clínicos, com resultados controversos e insuficientes [13, 14].

Já a Ivermectina é um antiparasitário utilizado em animais e em humanos, mas começou a ser utilizado como forma de tratamento e de profilaxia contra o SARS-CoV-2 depois de observação *in vitro* de ação contra o vírus. Porém, novamente não existiam evidências suficientes para afirmar se essa droga de fato possui essa eficácia [13].

Quando um fármaco é descoberto, este passa por várias etapas de teste antes que possa ser destinado ao tratamento de uma doença. Posteriormente ao teste *in vitro*, há os testes clínicos em três etapas. Depois da aprovação diante de autoridades regulatórias e da apresentação da droga, há, ainda, uma outra fase de teste pós lançamento para avaliar a segurança e efeitos colaterais [15].

Os medicamentos supracitados ainda não passaram por essas etapas de teste (com foco para o novo coronavírus) quando começaram a ser “defendidos” por líderes mundiais e grupos políticos. No desejo de encontrar uma solução rápida e fácil para a doença e influenciados por ideologias, muitos indivíduos começaram a realizar a prática de automedicação. Foi observado aumento nas pesquisas via internet pelos medicamentos e relatados escassez dos fármacos, mortes e intoxicações [2]. Para evitar efeitos indesejados com o uso irracional de medicamentos e a escassez destes para indicações médicas, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) restringiu a venda desses remédios para pacientes que apresentassem receita médica, bem como para estudos clínicos [16].

No entanto, em outras partes do mundo foram divulgadas as consequências da intoxicação e overdose por automedicação. No Arizona, Estados Unidos da América, um homem faleceu depois de ingerir Cloroquina. Além disso, doses muito altas de Ivermectina podem levar a sintomas gastrointestinais, hipersalivação, hipotensão, ataxia, rbdomiólise e, até mesmo, coma [13].

Um recente estudo randomizado no Brasil concluiu que não há diferenças significativas entre pacientes testados positivo para o SARS-Cov-2 e tratados com o manejo padrão e entre aqueles também portadores do vírus, mas tratados ou com Hidroxicloquina ou com

Azitromicina associada à Hidroxicloroquina [17]. Além disso, essas drogas podem ter como efeito colateral a hipotensão, hipocalcemia, e alterações de intervalos de ondas no eletrocardiograma, bem como arritmia, bloqueio atrioventricular e coma. Por isso, mesmo se um indivíduo for submetido ao tratamento por esses medicamentos, é necessário que seja supervisionado por um médico e que este leve considere o histórico do paciente e o uso prévio de outros medicamentos, para evitar interações medicamentosas ainda desconhecidas [13].

Ainda com todas essas informações e outras que virão, a comunidade científica possui o desafio de lidar com o negacionismo científico, ou seja, as crenças pessoais tornaram-se, para alguns indivíduos, superiores aos fatos: é o “declínio da verdade”. A opinião e as emoções acima do conhecimento é o resultado de perspectivas relativistas e subjetivas [18]. A negação da ciência (além da desinformação) talvez seja um dos principais fatores que, no cenário da pandemia, influencie as pessoas a se automedicarem e, assim, correrem riscos com a saúde, uma vez que se cria uma falsa sensação de proteção contra a COVID-19 que, associada à descrença científica, culminam no desrespeito do isolamento social e, conseqüentemente, no crescimento da curva de infectados [2].

Conclui-se, assim, que a alfabetização digital é extremamente necessária para que os indivíduos adquiram a capacidade de distinguir aquilo que é confiável do que não é. Além disso, a prática da automedicação, principalmente frente a pandemia, é uma prática arriscada e que a ação dos órgãos de fiscalização é essencial para evitar intoxicações e complicações clínicas por ingestão irracional de medicamentos. Por fim, acredita-se no importante papel da telemedicina e da ciência para contrapor notícias falsas e a desinformação e, assim, cumprir com o compromisso com a sociedade e com as boas práticas de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- Dong E, Du H, Gardner L. An interactive web-based dashboard to track COVID-19 in real time. *Lancet Infect Dis.* 2020; 2:533-534. [http://dx.doi.org/10.1016/s1473-3099\(20\)30120-1](http://dx.doi.org/10.1016/s1473-3099(20)30120-1)
- Luccheta CR, Mastroianni PC. Rational use of chloroquine and hydroxychloroquine in times of COVID-19. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada.* 2019. 40:e643. [encurtador.com.br/mnrFP](http://encurtador.com.br/mnrFP) undermines efforts, experts say. *The Washington Post.* 2020.
- Junior JHS, Raasch M, Soares JC, Ribeiro LVHAS. Da desinformação ao caos: uma análise das fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cadernos de Prospecção.* 2020; 13 (2): 331-346. doi: <http://dx.doi.org/10.9771/cp.v13i2%20COVID-19.35978>
- Ministério da Saúde [homepage na internet]. Coronavírus (COVID-19). Acesso em 29 jul 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br>.
- Lisboa LC, Ferro JVA, Brito JRS, Lopes RVV. A disseminação da Desinformação Promovida por Líderes Estatais na Pandemia da COVID-19. *Anais do I Workshop sobre as implicações da computação na sociedade.* 2020. 1:114:121. <https://dx.doi.org/10.5753/wics.2020.11042>
- Neto M, Gomes TO, Porto FR, Rafael RMR, Fonseca MHS, Nascimento J. Fake News no cenário da pandemia de COVID-19. *Cogitare enferm.* 2020. 25:e722627. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>
- Caldeira C. (2020). Informações simplistas e negacionismo levaram à baixa adesão ao isolamento. [publicação online] 2020 [acesso em 29 jul 2020]. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/informacoes-simplistas-e-negacionismo-levaram-a-baixa-adesao-ao-isolamento/>
- Lima CRM. Informação, assimetria de informações e regulação do mercado de saúde suplementar. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação.* 2006. 11(1):132-146. <https://dx.doi.org/10.5007/1518-2924.2006v11nesp1p132>
- Pennycook G, Rand DG. Lazy, not biased: Susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. *Cognition.* 2019; 188: 39-50.
- Santos BS. *A Cruel Pedagogia do Vírus.* Coimbra: Almedina, 2020.
- Trew B. Hundreds dead in Iran from drinking methanol amid fake reports it cures coronavirus. *The Independent.* [publicação online] 2020. Acesso em 29 jul 2020. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/iran-coronavirus-methanol-drink-cure-deaths-fake-a9429956.html>
- Zarocostas J. How to fight an infodemic. *The Lancet.*

2020; 395 (10225): 676. [https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X)  
13. Wong A. COVID-19 and toxicity from potential treatments: panacea or poison. *EMA*. 2020; 32(4): 697-699. <https://dx.doi.org/10.1111/1742-6723.13537>

14. Mehra MR, Desai SS, Ruschitzka F, Patel AN. Department of error. *The Lancet*. [https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31249-6](https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31249-6)

15. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos-CGEE. Competências pra inovar na indústria farmacêutica brasileira. [livro online] Brasília-DF; 2017. [acesso em 29 jul 2020]. Disponível em [https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/Ind\\_farmacautica.pdf](https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/Ind_farmacautica.pdf)

16. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. [homepage na internet]. Hidroxicloroquina e cloroquina viram produtos controlados [acesso em 29 jul 2020]. Disponível em [http://portal.anvisa.gov.br/noticias/-/asset\\_publisher/FXrpx9qY7FbU/content/hidroxicloroquina-vira-produto-controlado/219201/pop\\_up?\\_101\\_INSTANCE\\_FXrpx9qY7FbU\\_viewMode=print&\\_101\\_INSTANCE\\_FXrpx9qY7FbU\\_languageId=pt\\_BR](http://portal.anvisa.gov.br/noticias/-/asset_publisher/FXrpx9qY7FbU/content/hidroxicloroquina-vira-produto-controlado/219201/pop_up?_101_INSTANCE_FXrpx9qY7FbU_viewMode=print&_101_INSTANCE_FXrpx9qY7FbU_languageId=pt_BR)

17. Calvacanti AB, Zampieri FG, Rosa RG, Azevedo LCP, Veiga VC, Avezum A, et al. Hydroxychloroquine with or without Azithromycin in Mild-to-Moderate Covid-19. *N Engl J Med*. 2020. <https://dx.doi.org/10.1056/NEJMoa2019014>

18. Kakutani M. A morte da verdade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.